

## ALUMÍNIO

Quem conhece, como eu, o Nordeste e suas necessidades, não pode deixar de se assustar com essa pretensão, de uma grande firma norte-americana, de utilizar 200 mil quilovates, da energia que a Cachoeira de Paulo Afonso vai fornecer, para o funcionamento de uma fábrica de alumínio. Se os dois grandes problemas do Brasil são energia e transporte, no Nordeste quase se pode resumir o binômio a um único termo, que é o primeiro deles. Sua falta tem conseqüências tão terríveis para a economia nordestina, que para esta, na sua penúria extrema, as estradas parecem maldições, carregando para o sul os melhores braços, capazes de produzir riqueza.

Ora, é para a Hidroelétrica de S. Francisco que se voltam tôdas as esperanças, da Bahia até a Paraíba. Com suas pobres usinas termoeletricas, o nordestino tem de se arrastar no primarismo de uma economia de esgotamento sem esperança. E quando há enfim, à vista, esperança de um futuro melhor, logo ela se desfalca substancialmente com a ameaça de concessão de uma grande cota a uma organização estrangeira. Além de pedir a ajuda de nosso govêrno para obter financiamento de parte de sua empresa, nos bancos internacionais — o que virá desfalcar nosso potencial de crédito —, a Reynolds pretende ter a segurança de muita energia, e ainda a 40 centavos, preço baixo, e possivelmente deficitário. Mas promete que teremos alumínio para usar e vender.

Ora, a verdade é que o Brasil está perto de produzir o alumínio suficiente para seu consumo — e, se possível, para a exportação. Já existe uma fábrica em Ouro Preto, fundada pelo sr. Américo Giannetti, hoje em mão de um grupo de canadenses. O principal, entretanto, é que se ultima a construção, em S. Paulo, de um grande conjunto industrial, que ainda este ano começará a funcionar — e que poderá facilmente, em 1954, suprir o nosso mercado, com capacidade de quintuplicar a produção em poucos anos, dois a três, se fôr preciso. Essa companhia, presidida por um dos homens da Nitroquímica, é integrada por industriais, engenheiros e técnicos cuja idoneidade e competência não podem ser postas em dúvida. Vai usar, a princípio, energia fornecida pela Light, mas em seguida utilizará suas próprias instalações — maiores do que as que alimentam qualquer cidade brasileira, com exceção do Rio e de S. Paulo. As reportagens — não são matéria paga, mas artigos assinados por um dos melhores jornalistas de S. Paulo, Morel M. Reis — publicadas sobre o assunto, na "Fôlha da Manhã" de S. Paulo, não deixam dúvida quanto à loucura que seria sacrificar a energia do Nordeste por causa de um empreendimento que iria ao mesmo tempo golpear a indústria paulista. Não se trata, no caso, de sentimentalismo nacionalista, baseado em projetos discutíveis, mas de um empreendimento da ordem de um bilhão de cruzeiros em plena marcha, e às vésperas de entrar em funcionamento.

Não tenho procuração para defender os interesses desse grupo de industriais paulistas, mas a ameaça que, neste caso, pesa sobre o interesse nacional é tão grande que só a circunstância de estarmos na fase aguda da solução do dramático problema do petróleo pode explicar a pouca repercussão que está tendo, no Rio, esse problema. Esta nota quer apenas chamar, para ele, a atenção dos responsáveis. Se tem havido erros e excessos na proteção à indústria brasileira, parece erro excessivo proteger, contra ela, a indústria de fora...

10/6/52

R. B.